

Eu não tinha a intenção de dizer logo assim de saída. Mas já que a filha me entregou, creio-se que nos mesmos antigos. Modelo 1922. A do Centenário da Independência, da Semana de Arte Moderna, do Tenentismo, da fundação do Partido Comunista, da inauguração do rádio etc. Surpreta que se

Bom dia para nascer

Otto Lara Resende

CRÔNICAS

eu e o rádio estavam funcionando neste mundo povoado de pressas. Mas juventude tem cura. Eu também já fui jovem. E se esperat, fora mais antigo é a origem do Dia do Trabalho. Começou em 1886, com a greve de Chicago. A polícia, claro, reprimiu. Resultado: onze mortos – quatro operários e sete policiais. Prêmios e alívios-morais à favor do trabalho. Três anos depois, em 1889, lembrando Chicago, os socialistas em Paris organizaram o Dia do Trabalho. A data chegou depressa ao Brasil, mas substituída de que brava, em 1891. A recente República tentou a pau. Vem de longe a memória: a grande moral é uma questão de polícia. Se em 1886 surgiu aqui, afinal, o Dia do Trabalho, também dia de privilégio e de culto à personalidade do ditador. Em 1934, finalmente, data marcada. Lá e feriado. Mãe de Maria, mãe das outras, mãe do fim do mundo, mãe sobre guerra e vida útil. “Se para nós nasce é sempre mais” – também a primeira greve, a Canabim. Dos dois últimos, Democracia, nenhuma com “Carta aos estudantes em 1934”. Via aérea uma performance livre, a que chamou “o privilégio do mais”. Em 1935, o dia do 1º aniversário José do Menino (1891) e Maria Antônia (1892). Dois aniversários, dois ventos. O industrial é o empresário. Ambos exibem e integram-se facilmente. Não está mais interessado a data de aniversário de nascimento do Brasil. A noite do Primeiro de Dezembro é de 17 de maio de 1938. Como o Brasil lembrava o tempo, mais difícil de seguir do que antes. Minha prova que sobrevive. Canabim, lá e primeiro aniversário.

Resumo de Bom Dia Para Nascer

No início da década de 1990, Otto Lara Resende iniciou uma profícua e caudalosa colaboração com a Folha de S. Paulo. Jornalista tarimbado, com passagens por diversas redações, Otto escrevia nesse espaço diário crônicas sobre uma vasta gama de assuntos: os desajustes da política (vivíamos a Era Collor), os amigos desaparecidos (como Nelson Rodrigues, Vinicius de Moraes e Paulo Mendes Campos), os costumes no Rio de Janeiro (cidade que o mesmerizava), as mudanças no nosso idioma, a literatura etc.

Sempre com clareza e delicadeza exemplares. Esta reunião de suas crônicas na Folha é uma edição ampliada de um volume publicado pela Companhia das Letras em 1993 e organizado, na época, por Matinas Suzuki.

Desta vez, o jornalista Humberto Werneck recebeu a incumbência de coordenar o volume, garimpando mais de setenta crônicas nunca antes publicadas em livro. E o Otto cronista é nada menos que um clássico do gênero: sua prosa, escorreita e refinada (mas nunca hermética), se molda à perfeição a amplitude de temas e pontos de vista apresentados diariamente nas páginas do jornal.

A leitura das notícias o alimentava, claro, mas também há aqueles tópicos consagrados por outros cronistas antes e depois (a exemplo de Rubem Braga e Fernando Sabino, amigos e personagens de alguns textos deste volume), como a impiedosa passagem do tempo, os encontros e desencontros proporcionados pela grande cidade, a nostalgia de quem sabe que tudo, afinal, é breve e desaparece um dia.

Às vezes, na edição seguinte do jornal.

[Acesse aqui a versão completa deste livro](#)